

OS FILHOS DE CAM: A ÁFRICA E O SABER ENCICLOPÉDICO MEDIEVAL*

José Rivair Macedo**

No século XIII, acontecimentos decisivos definiram os rumos dos reinos ibéricos. A vitória da coligação chefiada por Alfonso VIII de Castela e Pedro II de Aragão na batalha de Las Navas de Tolosa contra contingentes de guerreiros marroquinos e hispano-muçulmanos conduzidos pelo emir Abu Abd Allah Muhammad al-Nasir acelerou o processo de Reconquista de territórios peninsulares aos mouros, pondo fim ao império afro-europeu erigido pelos almorávidas e almoôdas, do norte da África¹. Por volta de 1250, boa parte dos domínios castelhanos e aragoneses reconquistados eram repovoados, e os governantes cristãos não mediram esforços na luta contra o inimigo islâmico. A tomada de Majorca em 1249 por Jaime I, o Conquistador, e os preparativos de ofensiva armada apoiada pelo papado e liderada por Alfonso X contra os merínidas em 1260 provam que, no plano político-militar, a interferência secular das dinastias berberes no destino da Europa meridional havia chegado ao fim².

Foi também na segunda metade daquele século que, sob a égide da monarquia castelhana, realizou-se amplo movimento cultural de inspiração laica no qual encontravam-se envolvidos letrados judeus, cristãos e muçulmanos encarregados de organizar e traduzir obras de proveniência greco-romana, islâmica e hebraica, reapropriadas em perspectiva cristã, ou então dedicados à elaboração de crônicas,

* O presente artigo integra o projeto de pesquisa "Entre a Cruz e o Crescente: os afro-muçulmanos e a Península Ibérica nos séculos XIII e XIV", agraciado com Bolsa de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq, com vigência entre março de 1999 e fevereiro de 2001.

** Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História – UFRGS.

¹ Para Y. RENOARD, " 1212-1216. Comment les traits durables de l'Europe occidentale moderne se sont définis au début du XIII siècle", em IDEM, *Études d'Histoire Médiévale*, Paris, S.E.V.P.E.N., 1968, p. 88, as batalhas de Bouvines, ocorrida em 1214 no Norte da França, de Muret, ocorrida no Languedoc em 1213, e a de Las Navas de Tolosa, travada nas proximidades de Sierra Morena em julho de 1212, fixaram os limites definitivos dos reinos ocidentais.

² F. P. ALGAR, *Alfonso X, el Sabio*, Madrid, Studium Generalis, 1997, esp. pp. 154-156, 274-278. A última investida marroquina contra a Península transcorreu em 1274, quando o emir Ybn Yuzaf, da dinastia dos merínidas, coligado ao rei de Granada, atacou Andaluzia. No século seguinte, os merínidas foram definitivamente rechaçados na batalha de Salado, tema estudado por R. COSTA, *A guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*, Rio de Janeiro, Ed. Paratodos, 1998, esp. pp. 233-240.

ordenações jurídicas e obras sapienciais de interesse geral. A esse universo cultural, que teve por veículo de difusão textos em prosa escritos em vernáculo - *romanzo* -, e que abrangeu diversas áreas do saber (direito, geografia, história, astronomia) o estudioso Francisco Márquez Villanueva convencionou denominar "conceito cultural alfonsino"³. Também na segunda metade do século foram fundados colégios de estudos, a Universidade de Salamanca, e o *Studium arabicum* do Capítulo dominicano de Toledo - instituição destinada ao estudo da língua árabe e à formação de jovens pregadores na terra dos "infiéis"⁴.

Imbuído de propósito político, qual seja, o de promover a unidade em torno do reino de Castela, o projeto cultural alfonsino tinha pretensões de alcance universal. O rei Alfonso X, o Sábio, em pessoa, dedicou-se a elaborar textos históricos de grande envergadura, que serviram de modelo para a história oficial dos reinos cristãos. De um lado, nutriu o desejo de escrever uma obra que servisse de compêndio à história da humanidade, cujo resultado efetivo é a *General estoria* - texto relativo aos fatos da Antiguidade Judaica, grega e romana, encerrado em torno de 1280. Possivelmente em 1275 iniciou o trabalho de reconstituição histórica da península, particularmente do reino de Castela, sistematizando informações de cronistas anteriores (como Lucas de Tuy e Rodrigo Jimenez de Rada) no que denominou *Estoria de Espanna* - obra concluída pelos eruditos a serviço de seu sucessor, conhecida na atualidade como *Primera crónica general de España*⁵.

O esforço de Alfonso, o Sábio, em integrar o passado peninsular no quadro mais vasto da geografia e da História da humanidade revela-se desde as páginas iniciais de suas obras históricas, uma vez que o rei localiza o ponto de partida da narrativa nos eventos mítico-religiosos retratados no *Gênesis*, reproduzindo visão providencialista típica da literatura histórica produzida na cronística medieval. A *Primera crónica general de España* principia com passagens relativas ao Eden, ao Dilúvio e à Torre de Babel. Moisés,

³ F. M. VILLANUEVA, *El concepto cultural alfonsi*, Madrid, Editorial MAPFRE, 1994; A preocupação do rei com a promoção da cultura também foi estudada por E. S. PROCTER, *Alfonso X of Castile: patron of literature and learning*, Oxford, Clarendon Press, 1951.

⁴ M. G. PEDRERO-SÁNCHEZ, "O saber e os centros de saber nas Sete Partidas de Alfonso X o Sábio", *Veritas* (PUCRS), vol. 43 n° 3, 1998, pp. 577-592; L. ROBLES, "El *Studium Arabicum* del Capítulo dominicano de Toledo de 1250", *Estudios Lulianos* (Palma de Mallorca), vol. 24 n° 1, 1980, pp. 23-47.

⁵ Sobre as características da cronística alfonsina, cf. D. CATALÁN, "El taller historiográfico alfonsí. Métodos y problemas en el trabajo compilatorio", *Romania*, vol. 335 n° 3, 1963, pp. 354-375.

a quem é atribuído a redação do *Gênesis*, teria deixado essas notícias por escrito, mas nada informara sobre o povoamento do mundo logo após o Dilúvio, motivo pelo qual o compilador arriscou uma interpretação. Eis a solução proposta ao problema:

Los sabios que escrivieron todas las tierras fizieron dellas tres partes: e a la una que es mayor pusieron nonbre Asia, e a la outra Affrica, e a la tercera Europa... Que pues que desampararon aquellos de fazer la Torre e derramaron por el mundo, los hijos de Sem, ell hermano mayor, heredaron Asia, mas non toda; los hijos de Cam, ell hermano meridiano, heredaron toda Affrica; mas los hijos de Japhet, ell hermano menor, començaron a heredar desde Amano e Thoro que son dos montes en la tierra que es llamada Cilicia, e de Siria la Mayor, que son Amas en Asia, et heredaron a buelta com ellas toda Europa desde la grand mar, que cerca toda la tierra, que es llamado en griego Oceano, fasta la otra mar que llaman Mediterraneo⁶.

Da passagem, cabe destacar o emprego do recurso às autoridades – característico do pensamento medieval. A alusão aos “sábios” corresponde a uma estratégia textual utilizada quando se pretendia explorar certos trechos obscuros da fonte principal do conhecimento do mundo, a Bíblia. Sabemos que as fontes de informação do rei incluíam referências a autores clássicos (Plínio) e a pensadores judaico-cristãos (Flávio Josefo, Rabano Mauro e Pedro Comestor, entre outros). No caso em questão, encontram-se articuladas a tradição vetero-testamentária estabelecida na *Vulgata* com um dado comum dos conhecimentos geográficos no medievo: o de que a repartição das terras do ecúmeno tinha origem na descendência de Noé, espalhada pelo mundo após a construção da Torre de Babel.

Não obstante a predominância do pensamento cristão, a obra alfonsina apoiava-se em diferentes referenciais culturais. É bem sabido o quanto tal conjunto dos escritos deveu ao pensamento grego e islâmico, e inclusive o papel de primeiro plano desempenhado por letrados judeus nas traduções de obras sapienciais encomendadas e patrocinadas pelo rei. Uma dessas, *o Libro de las cruces*, foi traduzida do árabe possivelmente em 1259 por Yehuda ben Moses. Trata-se da reelaboração de texto muito

⁶ *Primera Crónica General de España que mandó componer Alfonso el Sabio y que se continuava bajo Sancho IV*, ed. R. MENÉNDEZ-PIDAL, Madrid, Editorial Gredos, 1955, Tomo I, p. 5: “Os sábios que descreveram todas as terras dividiram-nas em três partes: a maior, nomearam Ásia; a outra, África, e a terceira, Europa... Depois que aqueles desistiram de construir a Torre (de Babel) espalharam-se pelo mundo e os filhos de Sem, o irmão mais velho, herdaram a Ásia, mas não toda; os filhos de Cam, o irmão do meio, herdaram toda a África; mas os filhos de Jafet, o irmão mais novo, herdaram no princípio desde Amano e Thoro, que são dois montes da terra da Cilícia, até a Síria Maior, e depois toda a Europa, desde o grande mar, que cerca toda a Terra – em grego denominado Oceano – até o outro mar, chamado de Mediterrâneo.

antigo, escrito pela primeira vez no século VIII com a finalidade de divulgar um sistema de previsão astrológica empregado por árabes e berberes em Al-Andalus⁷.

Há no *Libro de las cruces* uma passagem na qual a repartição dos povos obedece ao imperativo da diversidade climática. Seu segundo capítulo é reservado ao comentário das diferenças entre os povos de acordo com sua posição geográfica e com o tipo de clima existente. Os reinos de Açyn, Índia, Babilônia e Roma, os mais nobres, estariam localizados na parte setentrional do hemisfério e desfrutariam de clima temperado. Mas aqueles povos situados em zona climática muito seca e quente - como os Etíopes -, seriam desprovidos de organização, de instituições estáveis, de ciência e de saber, assemelhando-se aos animais:

Mas los que son despos destes, mas adentro et a septemtrion e a oriente, son los ethiopes et los que se tyenen con ellos. Et la gran calentura non se temprá en aquel lugar, et parece en ellos, que an su color et sos queros negros et crespos cabellos. Et por esto non se estienden sus espiritos por la grant sequeдат et por la grant calentura que los quema, et por esto non an sotil entendemento, ni an sennorio, ni leyes, nin decretos, nin se entremeten de sciencias nin de saberes; et esto es por que son redrados de la equaldat et de la tempradura, et non de deuen contar com las yentes del poblado por que semeian a las bestias en sus mannas⁸.

Na passagem, chama atenção a associação proposta entre o calor extremo e certa condição civilizacional. A ausência de humanidade dos etíopes estaria vinculada ao condicionamento da natureza. O mesmo raciocínio é aplicado aos turcos, ambientados ao clima úmido e frio do extremo Norte. Por essa razão, teriam grandes corpos brancos e cabelos ruivos. O frio excessivo os teria feito pálidos e de pouco entendimento, o que explicaria, entre esses, a ausência de governo, de leis ou qualquer forma de organização, bem como a falta de saber e de ciência. Etíopes e turcos enquadravam-se, pois, numa certa tipologia dos povos, e numa certa concepção de mundo disseminada em obras de

⁷ A respeito da obra, cf. J. SAMSÓ, *Las ciencias de los antiguos en Al-Andalus*, Madrid, Editorial MAPFRE, 1992, pp. 27-36. Quanto ao tradutor, ver N. ROTH, "Les collaborateurs juifs à l'oeuvre scientifique d'Alphonse X", em R. BARKAI (dir.), *Chrétiens, musulmans et juifs dans l'Espagne médiévale: de la convergence à l'expulsion*, Paris, Éditions du Cerf, 1994, pp. 203-225.

⁸ ALFONSO EL SABIO, *Libro de las Cruces*, ed. L. A. KASTEN & L. B. KIDDLE, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1961, pp. 8-9: "Depois destes, mais para dentro, ao norte e ao Oriente, estão os Etíopes e os povos próximos a eles. É grande o calor daquele lugar, a ponto de influir em sua aparência, na cor negra de sua pele e nos seus cabelos crespos. Por viverem submetidos a grande seca e calor, não tem o espírito desenvolvido, inteligência, nem senhorio, leis ou decretos. Também ali não se desenvolvem as ciências ou os saberes, devido aos maus efeitos das altas temperaturas. Por isto, estes não devem ser enquadrados entre os povos organizados, uma vez que se assemelham às bestas".

caráter enciclopédico produzidas no medievo - tanto na tradição cristã quanto na tradição islâmica -, e reproduzida nas obras alfonsinas.

Embora tendo sido preparados com a intenção de resgatar a história dos reinos ibéricos, ou de focar os problemas culturais próprios da Cristandade latina, os textos evidenciados colocam em pauta formas de percepção de populações alheias ao cristianismo. Levando em conta a proximidade geográfica entre o Ocidente peninsular e as populações norte-africanas, e inclusive as interferências histórico-culturais anteriormente mencionadas, parece-nos legítimo indagar a respeito dos padrões de comportamento que orientaram o conjunto de representações a respeito da África e dos africanos que as duas passagens citadas deixam entrever. O estudo a seguir pretende avaliar os elementos conceituais empregados na literatura histórico-geográfica medieval, em particular a alfonsina, a fim de compreender o quadro referencial no qual foi elaborada a imagem daqueles povos.

DELIMITAÇÕES E PERCEPÇÕES DO ESPAÇO

A respeito dos elementos conceituais empregados na descrição da África, não há dúvida que tinham por base a literatura geográfica produzida na Antiguidade. Os medievais desconheciam as realidades materiais dos povos que habitavam as proximidades do Oceano Índico. Algo parecido ocorreu em relação ao interior da África. Escritores greco-romanos como Estrabão, Pompônio Mela (*De situ orbis*) e Plínio, o Velho (*Historia naturalis*) conheciam melhor apenas a África do Norte. Outros, especialmente Julio Solino (*Collectanea rerum memorabilium*), limitaram-se a compilar relatos fabulosos e prodígios⁹. A obra de Cláudio Ptolomeu, renomado astrônomo alexandrino do século II, na qual encontra-se a mais aprofundada descrição da totalidade da África começou a ser

⁹ O conhecimento geográfico superficial do interior da África na Antiguidade é atestado no trabalho de A. BERTHELOT, *L'Afrique saharienne et soudanaise: ce qu'en ont connu les anciens*, Paris, Les Arts et le Livre, 1927. A imagem convencional dos negros nas obras greco-romanas foi detidamente examinada por G. H. BEARDSLEY, *The negro in greek and roman civilization: a study of the ethiopian type*, Baltimore/London, The Johns Hopkins Press/Humphrey Milford/Oxford University Press, 1929. Esse conhecimento parcial, transmitido ao medievo em obras de vulgarização como as de Solino e Estrabão, contribuiu negativamente na caracterização do território e das populações africanas, como bem demonstrou C. de LA RONCIÈRE, *La découverte de l'Afrique au Moyen Age: cartographes et explorateurs*, Caire, Institut Français d'Archéologie Orientale/Société Royale de Géographie d'Égypte, 1924, Tome I, pp. 5-11.

divulgada no Ocidente apenas no século XV¹⁰. Além disso, os conhecimentos geográficos islâmicos, bem desenvolvidos desde o século X da era cristã por autores como al-Bakri e al-Idrisi, nem sempre foram incorporados ao pensamento cristão¹¹.

Deste modo, até o fim do século XIII a parte africana efetivamente contatada pelos europeus correspondia grosso modo aos territórios da Berbéria, parte do Egito e o litoral do Mar Vermelho. Nos tempos do Império Romano, a Província da África compreendia pouco mais do que a extensão ocupada pelo atual território da Tunísia. Nos séculos posteriores, o Monte Atlas e o deserto do Saara continuaram a representar barreiras naturais aos mercadores e viajantes ocidentais. As vastas regiões intertropicais, quer dizer, a África interior, excluindo áreas reduzidas de seu litoral oriental, constavam nos mapas como *terrae incognitae*, ou então eram nomeadas de *Aethiopiae* – território que, como veremos adiante, nada tinha que ver com a Etiópia histórica, ou Abissínia¹².

São raros os textos de tradição hispânica relativos aos conhecimentos geográficos colocados por escrito antes do século XIV. Entre os poucos, e mal conhecidos, encontra-se o livro de autoria anônima denominado *Semeiança del mundo*, do qual restaram dois manuscritos. O mais antigo data das primeiras décadas do século XIII (talvez 1223) e o mais recente, do princípio do século XV. Sua primeira publicação, em 1908, coube ao espanhol Antónío Blasquez y Delgado Aguilera em 1908, mas receberam atenção especial apenas em 1959, quando foram editados e examinados pelos lingüistas norte-americanos William E. Bull e Harry F. Williams.

¹⁰ Seu tratado completo de astronomia era conhecido desde o século XIII, mas o de geografia só veio a ser traduzido no século XV. A descrição que deixou da África diz respeito à Mauritânia Tingitana (Marrocos), Mauritânia Cesariana (Argélia ocidental e central), a África romana (Argélia oriental, Tunísia, Tripolitânia), a Cirenaica, Egito (mais ou menos com os limites atuais), a Líbia interior (Saara, Sudão ocidental e central), a Etiópia sub-egípciana (Bacia superior do Nilo, com o Sudão egípcio, Abissínia e Somália) e a Etiópia interior (África central, até o paralelo de Moçambique). A redescoberta da geografia ptolomaica revolucionou os conhecimentos cosmográficos no medievo tardio. Embora isso tenha acontecido em 1406, os primeiros manuscritos impressos conhecidos datam de 1475 (Vicence), 1478 (Roma), 1482 (Bolonha e Ulm). A publicação dos mapas inspirados na sua obra encontra-se em *Géographie de Ptolémée*, traduction latine de Jacopo d'Angiolo de Florence (reproduction réduite des cartes et plans du manuscrit latin 4802 de la Bibliothèque Nationale), Paris, Bibliothèque Nationale, s.d

¹¹ A respeito da transmissão dos conhecimentos geográficos da Antiguidade aos escritores do medievo, cf. G. H. T. KIMBLE, *Geografia na Idade Média*, trad., Londrina, Ed. U.E.L, 1999, esp. pp. 27-57. Para as características da geografia islâmica, ver A. MIQUEL, "Comment lire la littérature géographique arabe du Moyen Age", *Cahiers de Civilisation Médiévale*, XXV-2, 1972, pp. 97-104.

¹² A delimitação contemporânea desses territórios aparece em W. FITZGERALD, *Africa: geografia social, económica y política*, trad., Barcelona, Ediciones Omega, 1950; A. SECK & A. MONDJANNAGNI, *L'Afrique Occidentale*, Paris, PUF, 1967.

As versões de *Semeiança del mundo* constituem testemunhos importantes para que se possa aquilatar a natureza dos conhecimentos geográficos tidos na Idade Média hispânica. A redação do primeiro manuscrito no reino de Castela pouco antes do período de governo de Alfonso, o Sábio, levou os editores a enquadrá-lo no repertório das obras ditas alfonsinas. Resulta da tradução em língua vulgar efetuada por copista cristão ao livro das *Etimologias*, de Isidoro de Sevilha, embora compareçam elementos nos quais é possível identificar traços do livro *De imagine mundi*, de Honório de Autun.

De fato, a estrutura narrativa do texto segue as linhas mestras do Livro XIV das *Etimologias*, Isidoro de Sevilha. Até aqui, nada de excepcional, uma vez que, desde a alta Idade Média, quase todos os autores que se dedicaram a fixar os conhecimentos geográficos – entre os quais Beda e Rabano Mauro -, basearam-se no grande erudito do século VII¹³. A tradição isidoriana mantinha-se presente ao longo dos séculos, sendo claramente notada, por exemplo, nos textos dos principais enciclopedistas dos séculos XII e XIII, nas compilações históricas alfonsinas¹⁴, e no mais importante livro de geografia medieval, o *Imago mundi*, de Pierre d'Ailly. Não obstante, basta leitura mais atenta para que se note certas particularidades – e inovações – do conhecimento do mundo tido pelo copista castelhano, resultante talvez da mescla das informações da referência principal com certos elementos descritivos partilhados pelos ocidentais no século XIII.

Os propósitos – e a abrangência – do texto em questão vão muito além dos objetivos de estudo antes especificados. Nele comparecem todos os elementos aptos a informar sobre a procedência e a configuração do mundo: sua constituição por obra divina, seus quatro elementos (ar, água, terra e fogo), suas partes terrestres habitadas e suas ilhas. No caso da cópia feita no século XV, denominado pelos editores norte-americanos de “Texto B”, encontram-se menções aos montes, fontes, ventos, rios e mares, estrelas e planetas, as propriedades de inúmeras pedras e gemas. Entretanto, interessa-nos apenas verificar a maneira e as circunstâncias pelas quais a África e os africanos ali comparecem.

¹³ A concepção de mundo isidoriana, por sua vez, deve muito à obra histórico-geográfica do bracarense Paulo Orósio, cujo tratado *Historiarum adversus paganos*, redigido no princípio do século V, tornou-se uma espécie de manual escolar. Cf. A. CORTESÃO, “Paulo Orósio, presbítero bracarense, criador do estudo da geografia e da história na Idade Média”, em IDEM, *Esparsos*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1975, pp. 297-315.

¹⁴ Segundo F. M. VILLANUEVA, *Op. cit.*, p. 60, Isidoro de Sevilha é referência freqüente na *Estoria de Espanna*, na *General Estoria*, sendo elogiado nas *Siete Partidas*, onde é equiparado a Santo Agostinho.

Seguindo de perto o livro XIV das *Etimologias*, o tradutor anônimo concebeu os limites da África entre as fronteiras do Egito e o reino da Etiópia. Ao Norte terminaria no Mar Mediterrâneo, mais especificamente no Estreito Gaditano. Ao Sul, seus limites seriam a zona tórrida, desabitada, ou então o “grande oceano”. A porção continental compreenderia as províncias de Líbia Cirenense, Pentápolis, Trípoli, Bizácio, Cartago, Numídia, Mauritânia sitifense e Mauritânia tingitana, e, nos limites meridionais extremos, a Etiópia. Comparando com o que é dito a respeito da Ásia e da Europa, a descrição da África é muito sucinta. Sobre a Ásia, o texto não revela qualquer precisão geográfica, mas abundam descrições concernentes às “maravilhas das Índias”. Quanto à Europa, o espaço é descrito com mais objetividade. Há poucos dados sobre seus diferentes povos, mas a precisão é maior.

No caso da África, encontram-se informações breves, limitadas quase sempre às explicações etimológicas. O território especificado circunscreve-se ao Norte, isto é, a parte conhecida desde a Antiguidade, inserida nos textos dos geógrafos greco-romanos ou de algum modo relacionada com os referenciais cristãos. Assim, ao tratar da Numídia, o tradutor não deixa de mencionar a cidade de Hipona (Ypone), onde nasceu Santo Agostinho, ou, ao falar da Etiópia, aproveita a oportunidade para lembrar que, na cidade de Sabá (*Sabba*), reinara a rainha que foi a Jerusalém “*oyr la sapiencia de Salamon*”¹⁵.

Tratam-se, pois, de imagens convencionais, insípidas sem qualquer acréscimo à literatura geográfica produzida noutros reinos europeus. A divisão da África nas sobreditas províncias encontrava-se inscrita no *De Imagine mundi*, de Honório de Autun. No tratado em questão, o enciclopedista do século XII não foi muito além da descrição costumeira, limitando-se a informar as características físicas dos etíopes, o calor extremo daquela terra e a localização do inferno, o qual imaginava estar situado nas ilhas próximas ao continente¹⁶. Nos textos de divulgação em verso produzidos no reino da França durante a primeira metade do século XIII, entre os quais o *Mappemonde de Pierre* - de autoria incerta - e o poema *L'Image du monde*, composto em 1245 por Gossouin de Metz, os apontamentos são ainda mais pobres e confusos. Neste último, parte da Síria e da Palestina, a Itália, Espanha e todos os países mediterrâneos são incorporados ao território africano, que não é tratado em maiores detalhes. Da Etiópia, consta registro sumário

¹⁵ *Semeiança del mundo: a medieval description of the world*, ed. W. E. BULL & H. F. WILLIAMS, Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1959, p. 92.

¹⁶ HONORIUS AUGUSTODUNENSIS, *De imagine mundi*, PL, 172, col. 130-133.

sobre o calor excessivo, que é habitada por negros, que têm desertos, bestas selvagens e vermes, e que “termina no grande mar”¹⁷.

Apontamentos menos esquemáticos encontram-se numa das mais importantes obras de divulgação dos conhecimentos científicos do século XIII, o *Livre del tresor*, do florentino Brunetto Latini¹⁸. Para o enciclopedista, haveriam três Maurítânias: uma onde estava situada a cidade de Sitim, outra onde esteve situada a cidade de Cesária e a terceira, onde localizava-se a cidade de Tingi, por isso designada de Tingitânia. Na descrição, o enciclopedista explorou a correlação entre os condicionamentos naturais e os costumes dos povos africanos, tal qual a passagem da tradução do *Libro de las cruces*, antes mencionada. Com efeito, os habitantes da Etiópia aparecem designados “mouros”, e sua suposta desorganização social estaria implicitamente ligada ao calor do sol:

Encore i est la terre de Ethiope et de mons Athalans, où sont les gens noirs comme meure, et por ce sont il apelé Mores, por la prochaineté dou soleil. Et sachiez que la gent de Ethiope et de Gartemanz ne savent que est mariage, ainz ont entr'eulx femes communaus à tous, et por ce avient que nus ne conoist pere, se mere non, por quoi il sont apelé la mains noble gent dou monde¹⁹.

A Etiópia era sempre a derradeira região descrita, aquela situada na fronteira entre os conhecimentos possíveis e o desconhecido. Talvez por isso tenha sido esse o domínio territorial mais vagamente retratado em *Semeiança del mundo*. O tradutor identificou a existência de duas Etiópias, uma ao Oriente, onde estaria situada a cidade de Sabá, e outra a Ocidente, onde habitariam os Garamantes. Nada mais é mencionado. Abaixo, haveriam barreiras naturais intransponíveis. A falta de dados concretos é compensada por signos verbais repletos de significado. O *finis terrae* assume conotações tenebrosas e aterradoras, visíveis em expressões como “grandes desertos”, “montanhas selvagens”, “grande calor do sol”, “grande número de serpentes”, “mar oceano fervente”:

¹⁷ C. V. LANGLOIS, *La vie en France au Moyen Age du XII au milieu du XIV siècle*, Paris, Hachette, 1926, Tome II: La connaissance de la nature et du monde, pp. 154-175.

¹⁸ Este conhecia pessoalmente a Península Ibérica, pois esteve na corte de Alfonso, o Sábio, representando o governo de Florença. A respeito, ver P. AEBISCHER, “Le zebro ‘âne sauvage’ de la Péninsule Ibérique et Brunetto Latini”, *Boletín de Filología* (Madrid), tomo XVI n.º 3/4, 1957, pp. 171-172.

¹⁹ BRUNETTO LATINI, *Livre du trésor*, em A. PAUPHILET (ed.), *Jeux et sapience du Moyen Age*, Paris, Gallimard, 1951, p. 773: “Abaixo está a terra da Etiópia e o Monte Atlas, onde habitam as gentes negras, como se fossem maduras. Por isso é que são chamados mouros, devido à proximidade do Sol. Sabeis que a gente de Etiópia e os garamantes não conhecem o casamento,

Allende desta terra de Ethiopia son desiertos moy grandes e montannas moy fieras, e son logares atales on non mora ningun omne, nin sigue por hy por dos maneras: la una por la calentura del sol que hy fiere muy grande, e la otra por la mochedunne grande de serpentes que ha y.

Desi y luego es el mar que dizen Oceano que cerca toda la tierra en derredor, e desta parte de Ethiopia fierue el mar de la grant calentura del sol que y faze...²⁰.

A passagem distancia-se do texto de Isidoro de Sevilha. Nas *Etimologias*, logo depois de descrever a Etiópia o sábio visigodo fez menção à uma eventual quarta parte do orbe, embora afirmasse tratar-se de terra fabulosa, descrita por autores pagãos. Estaria localizada além do Oceano e da zona torrida, sendo designada de antípodas²¹. Talvez tinha em mente as alusões deixadas no século V por Macróbio, autor do *Commentarium in somnium Scipionis*, a respeito da raça humana dos *antoikoi*, antípodas ou antíctones, povoadores de um continente oposto localizado na zona temperada austral. Gregos e romanos, desde os filósofos pitagóricos, evocaram a hipótese da existência de uma região temperada abaixo da zona tórrida, tema que se ajustava mal às exigências da infalibilidade bíblica. Por isso mesmo, gerou especulações e controvérsias durante a Idade Média, sendo duramente criticado desde o século VI por Cosmas Indicopleutes²², mal visto pela Igreja, mas presente nas reflexões de certos enciclopedistas, em determinados mapas-mundi, ou em textos romanescos²³.

Em *Semeiança del mundo*, a incidência do maravilhoso transparece na descrição do complexo insular africano. Ao traçar os contornos das ilhas Hespérides (*Esperide*),

que tem entre si mulheres em comum, e por isso desconhecem o pai se não tem mãe. Encontram-se entre a gente menos nobre do mundo”.

²⁰ *Semeiança del mundo*, p. 92: “Abaixo da Etiópia há grandes desertos e montanhas selvagens. São lugares desabitados e intransponíveis, por duas razões: uma ligada ao grande calor do Sol, e a outra, ao grande número de serpentes que aí existem. / Logo depois está o mar Oceano que cerca toda a Terra. Nesta parte da Etiópia o mar ferve por causa do grande calor do Sol”.

²¹ ISIDORO DE SEVILLA, *Etimologías*, trad. de L. C. CORTÉS Y GONGORRA, Madrid, BAC, 1951, p. 349

²² COSMAS INDICOPLEUTES, *Topographie Chrétienne*, éd. W. WOLSKA-CONUS, Paris, Du Cerf, 1968, tome I, pp. 336 e segs, contesta as afirmações em defesa das antípodas. Para ele, admitida a esfericidade da terra, a existência de povos vivendo com a cabeça para baixo parecia-lhe oposta à razão e à natureza humana, contradizendo a verdade sacralizada nas escrituras.

²³ O comentário de Macróbio ao “Sonho de Cipião”, escrito por Cícero, aparece em diversos manuscritos redigidos dos séculos IX-X e, nos seguintes, é citado por Abelardo, Guilherme de Conches e João de Salisbury, entre outros. A respeito do debate envolvendo as antípodas, cf. G. GIUCCI, *Viajantes do maravilhoso: o novo mundo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, pp. 50-59; Sobre o tratamento do assunto na literatura romaneca, J. TATTERSALL, “Terra Incognita: allusions aux extremes limites du monde dans les anciens textes français jusqu’en 1300”, *Cahiers de Civilisation Médiévale*, XXIV ¾, 1981, pp. 247-249.

situadas nas proximidades da Mauritânia, menção é feita às fábulas antigas, nas quais os autores enumeram jardins com maçãs de ouro guardadas por um dragão, as propriedades da lã de suas ovelhas, e relatos alusivos a uma grande ilha submersa com seu povo, “*tan grande que maor espacio tenia que Affrica e Europa*”, referência à Atlântida tirada de Platão. Quanto às ilhas Afortunadas (*Fortunante*), embora seja dito que são abastadas, repletas de todos os bens, enfim, uma terra de deleites, sustenta terem os pagãos e os gentios errado ao afirmar que se tratava do Paraíso Terrestre²⁴. Seguiu a interpretação usual dos escritores cristãos, para quem o Eden estaria no Oriente.

Tais indicações confirmam as apreciações de estudiosos modernos a respeito da percepção do espaço tida no medievo. Alicerçadas em concepções religiosas, as noções espaciais encontravam-se ligadas à idéia que o homem fazia da natureza, com a qual estabelecia relação muito específica, íntima, e contra a qual não era capaz de se opor de maneira clara. Não obstante a existência de dados inscritos na literatura geográfica, seu conhecimento provinha de uma experiência sensorial, principalmente visual. Fora desse espaço percorrido, vivenciado, inventariado, restavam espaços vazios, preenchidos com o recurso aos temas legendários ou míticos. Prisioneiros de suas próprias categorias mentais, e reduzidos a um espaço delimitado e demarcado, os enciclopedistas dedicaram-se paradoxalmente a projetar no mundo sua própria imagem, de onde a ausência de objetividade, as deformações e as projeções miríficas. Nas palavras de Paul Zumthor, seu espírito não só era incapaz de distinguir entre espaço e natureza; concebiam essa última de acordo com suas próprias medidas²⁵.

POVOS, CLIMAS E PAISAGENS

Os escritores medievais estabeleceram uma série de correlações textuais com o fim de aproximar a África de sua noção familiar de Cristandade²⁶. Alfonso, o Sábio, na *General estoria*, propunha alternativas discordantes quanto ao significado da palavra que lhe deu

²⁴ *Semeiança del Mundo*, p. 96.

²⁵ P. ZUMTHOR, *La medida del mundo: representación del espacio en la Edad Media*, trad., Madrid, Ediciones Catedra, 1993, p. 45.

²⁶ Conforme A. GOUREVICH, *Les catégories de la culture médiévale*, trad., Paris, Gallimard, 1983, p. 82: “les représentations spatiales de l’homme du Moyen Âge avaient un caractère symbolique très marqué, les notions de vie et de mort, de bien et de mal, de saint et de pécheur, de sacré et de profane, s’associaient aux notions de haut et de bas, à certains contrées du monde et certaines parties de l’espace universel, et possédaient donc des coordonnées topographiques”.

origem. Poderia provir do nome de uma antiga Rainha, mas também era possível que derivasse de *africo*, nome de um vento característico da região, ou então seria designada Libia – alusão à rainha Libia, presente na mitologia greco-romana²⁷. Esta tripla explicação etimológica era partilhada por outros autores. Isidoro de Sevilha argumentava que o vento *libus* era chamado por alguns de *aufrico*. Enciclopedistas posteriores, como Rabano Mauro, em *De universo* (século IX) e Honório de Autun, empregaram os termos Libia e África para designá-lo, fixando correlação etimológica entre o nome do território e um traço de sua geografia física.

No ensejo de fortalecer pontos de ligação do continente com o universo referencial judaico-cristão, ganhou corpo o argumento de que a origem da África estivesse vinculada a Afer, descendente de Abraão. Salvo engano, a idéia aparece pela primeira vez nas *Etimologias*, vindo a ser difundida, entre outros, por Barthelemy l'Anglais, no *Liber de proprietatibus rerum*, e Vincent de Beauvais, no *Speculum historiale*. Explicação bem ao gosto dos representantes do pensamento cristão, cuja percepção e compreensão do espaço fundava-se na crença de que a verdadeira realidade residia não nas coisas ou nos fenômenos terrestres, mas nos protótipos divinos, dos quais eram réplicas e símbolos. A referência a Afer tinha a vantagem de tornar familiar uma realidade aparentemente distante e desconhecida, inserindo-a na cosmovisão cristã, mas tinha a desvantagem de mesclar elementos mitológicos de forte conotação sincrética²⁸.

Com efeito, em alguns textos antigos, o personagem em questão envolve-se em temas pertencentes à mitologia grega. Nas *Antiguidades judaicas*, de Flávio Josefo, consta que Aphas e Iaphras, descendentes de Abraão, juntaram-se à expedição de Hércules na conquista da Líbia. Alfonso, o Sábio, valeu-se da obra anterior ao discorrer longamente sobre a linhagem abrahâmica. Segundo este, o patriarca casou-se com Cetura depois da morte de Sara, e com ela teve os filhos Zaura, Vexam, Madam, Jesbet e Sue, os quais povoaram a Arábia. Baseado em outros autores antigos, afirma que os nomes dos filhos do casal seriam Efram, Surim e Afram - governante da África. Afram prestara auxílio a Hércules e depois entregara-lhe a filha em casamento. Sofom, filho de Hércules e Etéia, portanto neto de Afram, conquistou toda a Berbéria, quer dizer, o norte da África. Uma

²⁷ ALFONSO EL SABIO, *General Estoria*: version gallega del siglo XIV, ed. R. MARTINEZ-LOPEZ, Oviedo, Universidad de Oviedo – Facultad de Filosofía y Letras, 1963, p. 64

²⁸ F. de MEDEIROS, *L'Occident et l'Afrique* (XIII – XV siècles): images et representations, Paris, Karthala, 1985, pp. 122-124.

informação aparentemente secundária esclarece a prolongada digressão. Para Alfonso, Cetura era nada mais nada menos do que Agar, mãe de Ismael, o antepassado dos árabes, com quem, nessa linha de argumentação, os africanos acabaram assimilados²⁹.

A confluência de substratos mitológicos cristãos e pagãos em torno de Afer pode ter contribuído para o progressivo abandono de sua evocação nos textos dos enciclopedistas. Preferiram explorar outra possibilidade exegética. Desde o século VI, Cosmas Indicopleutes, em sua *Topographie chrétienne*, afirmava ter sido a terra povoada pelos filhos de Noé³⁰. No século XIII, estava bem estabelecida a vinculação da África ao seu segundo filho, Cam, tal qual pode-se ver no *Speculum historiale*, de Vincent de Beauvais, e na *Opus majus*, de Roger Bacon³¹. A informação persistiu durante longo tempo. Pierre d'Ailly, chanceler da Universidade de Paris no princípio do século XV e autor do célebre *Imago mundi*, aventava a hipótese de que, no passado, a África teria se chamado Phutia, palavra derivada de Phut, o filho de Cam³².

Essa proposição continha maior eficácia simbólica. É bem sabido o quanto as explicações trinitárias ocuparam espaço nas reflexões dos exegetas medievais, indício dos efeitos da trifuncionalidade básica dos povos de extração indo-européia, estudada primeiramente por Georges Dumézil e, no que respeita à Idade Média, por Georges Duby³³. No pensamento cristão, três são as essências da trindade, assim como três seriam as "ordens" instituídas por Deus na sociedade. Por isso mesmo, escritores como Gerald de Cambrai e o germânico Gervais de Tilbury comparavam os *oratores* a Sem, os *bellatores* a Jafet e os *laboratores* a Cam. Não será preciso insistir que, na tradição vetero-testamentária, Cam foi o filho que zombou da nudez do pai embriagado, tendo sido amaldiçoado - ele e sua descendência³⁴. A filiação dos negros a Cam teve notoriedade nos

²⁹ ALFONSO EL SABIO, *General Estoria*, pp. 240-241. A identificação entre Cetura e Agar é partilhada por GERVAIS DE TILBURY, *Otia imperialia*, onde se pode ler: "Africa enim ab Offer uno ex posteris filiis Ceturae, quae est Agar, qui castra sua fixit in Libya, nomen sumsit, vel ab Affar a filio Agar cuius filiam Hercules duxit, auxiliator eius", cit. em F. de MEDEIROS, *Op. cit.*, p. 126.

³⁰ COSMAS INDICOPLEUTES, *Topographie Chrétienne*, Tome I, p. 329.

³¹ F. de MEDEIROS, *Op. cit.*, pp. 125-128.

³² PIERRE D'AILLY, *Imago mundi*, ed. E. BURON, Paris, Librairie Orientale et Americaine, 1930, Tome I, p. 341.

³³ Ver G. DUBY, *Les trois ordres ou l'imaginaire du féodalisme*, Paris, Gallimard, 1972.

³⁴ Esta interpretação consta no prefácio de J. LE GOFF ao livro de F. de MEDEIROS, *L'Occident et l'Afrique*, p. 9. As apropriações da figura de Cam no Ocidente foram estudadas por H. FRANCO JR, "A castração de Noé: iconografia, folclore e feudalismo", em IDEM, *A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval*, São Paulo, EDUSP, 1996, pp. 71-87.

manuais religiosos cristãos até pelo menos o século XIX, abrindo um campo muito fértil aos defensores da inferioridade das populações negras³⁵.

No imaginário medieval, os africanos eram retratados segundo tais premissas teológicas ou segundo pontos de vista que, nos séculos posteriores, viriam consolidar concepções etnocêntricas e racistas. Os mapas-mundi denominados T.O. (*terrarum orbis*) produzidos entre os séculos VIII e XIII, equivalentes geográficos das crônicas universais, ilustravam a revelação bíblica ao propor em seu interior a imagem cristocêntrica da terra: Jerusalém como *axis mundi*, o disco terrestre com as três porções do ecúmeno dispostas em forma de T, circundadas pelo grande oceano, cada uma delas associada aos herdeiros de Noé. Sua configuração procurava dar conta da totalidade do espaço e do tempo concedido ao homem pelo criador. O “T” evocava a cruz, remetendo a Cristo - epicentro da salvação. Nessas representações cartográficas, parte do continente africano era inserida na chamada “zona tórrida”, confundindo-se com a *Terrae incognitae*³⁶.

Retomemos, por exemplo, a passagem citada do *Libro de las Cruces*, na qual a diversidade de costumes é interpretada com base nas particularidades climáticas. Tratava-se de idéia consagrada, difundida na obra de Macróbio, no *De nuptiis philologiae et mercurii*, de Marciano Capela, e no *Pantegnum*, de Constantino o Africano, segundo a qual a Terra estaria repartida em cinco zonas climáticas: um frio perpétuo congelaria as extremidades polares e um calor incessante calcinaria toda vida na parte central do mundo – a zona tórrida -, restando duas áreas temperadas propícias à geração e propagação da vida, incluindo pequenas bandas tórridas às suas margens³⁷. Daí surgiram especulações concernentes aos caracteres antropológicos dos povos submetidos às variações climáticas e ao ar. Pensava-se que o ar das regiões setentrionais fosse

³⁵ No *Dictionnaire de la Bible*, editado por MIGNE em 1846, Cam é apresentado como o deus Amon dos Egípcios, o Júpiter dos gregos e latinos, o pai dos egípcios, etíopes e negros. Segundo Jean Devisse, até bem pouco tempo as escolas protestantes da África do Sul ensinavam que os negros deviam sua inferioridade aos brancos em razão da maldição de Cam, seu ancestral; idéia também divulgada em certas escolas “fundamentalistas” norte-americanas da década de 1960. Cf. M. C. JACQUEY, “La representation du noir au Moyen Age: entretien avec Jean Devisse”, *Notre Librairie*, nº 90, 1987, p. 10

³⁶ Entre os estudos da tradição cartográfica medieval, cf. E. EDSON, “Representation of time and space: medieval world maps, 800-1300”, em J. R. MACEDO e M. L. C. ARMANDO (eds.), *Atas do II Encontro Internacional de Estudos Medievais, Humanas: Revista do IFCH-UFRGS*, Volume 21 nº 1, 1998, Tomo 1, pp. 103-116; M. E. B. RIBEIRO, “Fronteiras materiais e imaginárias no Mapa-Mundi de Henrique de Mogúncia”, em E. NODARI, J. M. PEDRO e Z. M. G. IOKOI (orgs.), *XX Simpósio Nacional da ANPUH: História: fronteiras*, São Paulo, ANPUH/Humanitas, 1999, vol.II, pp. 1017-1024; Paul ZUMTHOR, *Op. cit.*, pp. 306-312.

relativamente favorável ao desenvolvimento dos povos, que o ar das áreas situadas ao Sul fosse prejudicial, que o ar do Ocidente fosse pouco conveniente, e que o ar oriental fosse o mais recomendável.

O ar do Oriente, com sua perfeição, evocava de imediato a proximidade do Paraíso Terrestre. O ar da Europa era aquele apresentado como sendo o mais parecido com o Oriental. Quanto ao ar meridional, isto é, aquele no qual estaria situado parte da Etiópia, opunha-se ao do Norte devido ao calor excessivo - fonte de males e de instabilidade da vida. Era nesse esquema altamente desfavorável às populações africanas que o texto reproduzido pelos letrados alfonsinos se apoiava. Tal esquema, reproduzido desde os autores da Antiguidade, como Plínio e Vitruvius, tinha evidente conotação racial e determinista. Ao opor os Citas (ou turcos) do Norte aos etíopes do Sul, classificando-os como dois tipos extremos de humanidade, deixava implícito que o tipo climático e civilizacional ideal seria aquele situado entre esses extremos.

As elevadas temperaturas e os efeitos do sol ardente eram considerados elementos determinantes na constituição das populações negras africanas. O termo utilizado com frequência em toda a Europa ocidental para designar as populações de tez escura ocupantes das margens meridionais do mundo era *aethiops* – palavra de origem grega utilizada inicialmente com o significado de “face queimada”. Esse lugar-comum na definição da coloração da pele encontrava-se amplamente difundido, sendo reproduzido por Alfonso o Sábio. Na *General estoria*, o rei atribuiu a cor dos etíopes aos efeitos dos raios solares e aos bafos ardentes do ábrego, um dos ventos mais quentes que existem³⁸.

Na imaginação dos ocidentais, os limites geográficos dessa Etiópia mitificada eram muito imprecisos, oscilando entre o continente africano e as “Índias”. Com efeito, na concepção vigente em boa parte da Idade Média, a dimensão espacial das “Índias” era bem maior do que sua configuração real. Segundo Jacques Le Goff, o termo genérico “Índias” dizia respeito ao espaço geográfico da África Oriental até a China, no qual podiam se distinguir três setores: a “Índia Maior” compreendendo toda a Índia histórica; a “Índia Menor” englobando a Costa de Coromandel e as penínsulas do Sudeste Asiático; a “Índia Meridional” englobando a Etiópia e as regiões costeiras do Sudeste Asiático³⁹. Essa

³⁷ G. GIUCCI, *Op. cit.*, p. 54.

³⁸ ALFONSO EL SABIO, *General estoria*, p. 117.

³⁹ J. LE GOFF, “O Ocidente medieval e o Oceano Índico: um horizonte onírico”, em IDEM, *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*, trad., Lisboa, Ed. Estampa, 1980, p. 273.

concepção homogeneizadora teve efeitos surpreendentes na constituição das imagens européias sobre a África e o Extremo Oriente, pois agrupava povos diferentes sob um mesmo rótulo e padronizava determinados clichês empregados para caracterizar seus costumes⁴⁰.

A falta de objetividade e as projeções estereotipadas pesaram negativamente na qualificação das populações etíopes, em geral apresentadas em traços bizarros e monstruosos. Tanto nas obras de autores cristãos quanto na tradição islâmica os negros eram situados na escala mais baixa da humanidade. No capítulo 70 do *Liber scale Machometi*, que os letrados alfonsinos verteram do árabe ao castelhano e ao latim, consta a explicação de como Deus teria distribuído – em escala descendente – seus bens espirituais aos diferentes povos do globo, reservando aos etíopes a ignorância⁴¹. Ainda no século XV, Pierre d’Ailly afirmava serem os trogloditas da Etiópia habitantes de cavernas, que se alimentavam da carne de serpentes e que seriam privados do uso da palavra⁴². Tais juízos, aceitos e divulgados com frequência pelos escritores ibéricos, aparece no tratado moral do final do século XIV denominado *Orto do esposo*:

Ennos desertos de Etiopia sō huas gentes que uiue sen ley asy como bestas e tee molheres sem casameto e som chamados garamates. E outros ha hy que maldize o sol, quando se leuata e quando se põe, porque os queyma e aquela terra muy fortemete. Outros ha hy que morã e couas e come as serpetes e toda outra cousa que pode seer comesta, e estes som chamados trogoditas. Outros anda nuus e nō trabalham e nehua cousa, e estes am nome graphasantes... Aly ha outra gente que a o cam por seu rey e tomã agoyro eno mouimeto do cam pera fazerem suas obras. Outros ha hy que caçam os liões e as panteras e come(m) a carne deles. E o rey destes nō tem mays de huu olho ena fronte. E outros nō come outra cousa senã gafanhotas secas, e estes nō viue aalem de quoreeta ãnos⁴³.

⁴⁰ A indistinção entre as fronteiras da Etiópia e das Índias remonta aos relatos de escritores da Antiguidade. Ambos os territórios eram retratados tendo em vista o realce de certos aspectos exóticos da constituição de seus povos e da natureza circundante. O tópico das “maravilhas do oriente” incluía a descrição de luxuriante abundância vegetal; fauna desconunal; riquezas fabulosas em ouro e demais metais preciosos; raças humanas longevas de vida pura ou monstros humanos e animais; territórios de dimensão escatológica (paradigmas do Paraíso ou do Inferno). Cf. A. CRIVAT-VASILE, “*Mirabilis Oriens: fuentes y transmisión*”, *Revista de Filología Románica* (Madrid), n° 11/12, 1994/1995, pp. 471-479; J. TATTERSALL, *Art. cit.*, pp. 249-252; J. RICHARD, “La vogue de l’Orient dans la littérature occidentale du Moyen Age”, em P. GALLAIS & Y-J. RIOU (éds.), *Mélanges offert à René Crozet*, Poitiers, Société d’Études Médiévales, 1966, Tome I, pp. 557-561

⁴¹ *Livro da escada de Maomé* (século XIII), cit. por L. J. LAUAND (org.), *Cultura e educação na Idade Média*, São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1998, p. 279.

⁴² PIERRE D’AILLY, *Imago Mundi*, Tome I, p. 363.

⁴³ *Orto do Esposo*: texto inédito do século XIV ou começo do XV, ed. B. MAHLER, Rio de Janeiro, INL/MEC, 1956, vol. I, p. 117: “Nos desertos da Etiópia habitam os garamantes, que vivem sem lei e coabitam com mulheres fora do casamento, como animais. Há outros que maldizem o Sol,

Alguns tópicos recorrentes insistiam nas características físicas dos “etíopes”: os trogloditas teriam pernas mais velozes do que bestas selvagens e cavalos. Por vezes, a evocação de certas particularidades pretendia realçar valores morais defendidos pelo cristianismo. Os pigmeus lembravam a humildade, e eram contrapostos aos gigantes, símbolos do orgulho e desmesura⁴⁴. Tudo naqueles seres de baixa estatura seria reduzido, inclusive o ciclo de vida. Para alguns escritores, como Gossouin de Metz em seu *L`Image du monde*, os pigmeus eram férteis aos três anos, e velhos aos sete⁴⁵. Os registros procuravam acentuar a imperfeição dos corpos monstruosos e aberrantes atribuídos aos “etíopes”. No *Orto do esposo*, fala-se de homens quadrúpedes, pernetas, com pés descomuns acima da cabeça – utilizados como proteção aos raios solares -, com pés voltados para trás, ou com doze dedos em cada pé⁴⁶.

Nos sistemas de valores medievais, a cor negra lembrava o mal. Os teólogos, de Santo Agostinho a Alberto Magno e São Tomás de Aquino, estabeleciam relação do branco com a pureza, perfeição espiritual e a verdade, e do negro com a perdição e falsidade⁴⁷. Quanto aos textos destinados à pregação religiosa - sermões, *exempla* e a literatura didática em geral -, negra era a cor do diabo. Por isso mesmo, até pelo menos o século XIV o senhor dos infernos era retratado como “etíope negro”, com cabelo encarapinhado, baixa estatura e corpo disforme em que se misturavam traços humanos e anfíbios⁴⁸. Na *Chanson de Roland*, do século XI, os sarracenos são descritos como negros, similares aos demônios, e a Etiópia aparece designada como “terra amaldiçoada”, lugar habitado por

quando se levanta e se põe, porque este os queima muito fortemente. Os trogloditas moram em cavernas, comem serpentes e toda outra coisa que possa ser comida. Os grafasantes andam nus e não trabalham em coisa alguma. Outros têm o cão por rei, e se baseiam no agouro dos movimentos do cão para realizarem suas atividades. Outros caçam leões e panteras para comer-lhes a carne, e seu rei tem apenas um olho na frente. Outros comem apenas gafanhotos secos, e não vivem mais do que quarenta anos”.

⁴⁴ Sobre a recepção medieval às informações fabulosas concernentes aos pigmeus deixadas pelos escritores greco-romanos, ver C. LECOUTEAUX, *Les nains et les elfes au Moyen Age*, Paris, Imago, 1988, pp. 21-27; C. KAPPLER, *Monstres, démons et merveilles à la fin du Moyen Age*, Paris, Payot, 1980, p. 132.

⁴⁵ C. V. LANGLOIS, *Op. cit.*, II, p. 128.

⁴⁶ *Orto do esposo*, vol. I, p. 101.

⁴⁷ Segundo F. PORTAL, *Des couleurs symboliques dans l'Antiquité, le Moyen Age et les temps modernes*, Paris, Éditions Niclaus, s.d., p. 103: “le blanc est le symbole de la vérité absolue, le noir devait être celui de l'erreur, du néant, de ce qui n'est pas. Dieu seul possède l'existence en soi; le monde est une emanation de sa pensée, le blanc réfléchit tous les rayons lumineux, le noir est la négation de la lumière; il fut attribué à l'auteur de tout mal et de toute fausseté”.

⁴⁸ M. C. JACQUEY, *Art. cit.*, pp. 8-17.

“gente preta de grandes narizes e largas orelhas” cuja pele é mais dura que o ferro e que de branco só tem os dentes⁴⁹. Tempos depois, no fim do século XIII, Marco Polo manifestava impressão similar ao se defrontar com os negróides da ilha de Zanzibar, na África Oriental, apontando-os como gente de boca grande e nariz achatado, lábios e olhos muito salientes e feios, parecida em tudo com o diabo⁵⁰.

As imperfeições aplicavam-se não apenas aos habitantes. O ambiente da Etiópia era demarcado por desregramentos naturais e imagens invertidas, sendo atravessado por signos fabulosos. No vasto repertório das “maravilhas”, costumava-se indicar a localização de fontes de água extraordinárias, como aquela de Trestan descrita em *Semeiança del mundo*, onde as águas seriam quentes de noite e geladas durante o dia⁵¹. Por ali passava o Nilo ou Gion – um dos quatro rios que emanavam do Paraíso -, mas também havia a ilha de Mène onde corria o rio denominado *Lectonius fluvius* ou *Lecthon infern*, quer dizer, o rio do Inferno⁵². Somem-se ainda menções à existência de plantas ou minerais extraordinários (crisólitos, jacintos e hematitas), animais exóticos (rinocerontes, tigres, elefantes e girafas), ou animais quiméricos (dragões contendo gemas no crânio, basiliscos, grifos, serpentes aladas e todo o tipo de bestas peçonhentas)⁵³.

A partir do século XIII, a Etiópia passou gradativamente a ocupar lugar distinto no conjunto de estereótipos difundidos na Europa cristã. Para tanto, contribuiu o fato daquele espaço mal delineado ter sido reconhecido como reino cristão. Cresceu o interesse por personagens etíopes próximos ou enquadrados na tradição bíblica, como a célebre rainha de Sabá, ou a suposta esposa etíope de Moisés. Popularizou-se a idéia de que ali teria morrido São Tomé, o apóstolo das Índias. Além disso, desde o princípio do século XIV o mito político-religioso atinente ao poderoso governante cristão nas Índias Orientais, o Preste João, foi aplicado à Etiópia. O suposto governante acabou sendo aproximado aos reis magos. Teria sido descendente de Baltazar – um dos três reis magos que, ao final da Idade Média, era retratado como negro⁵⁴. Como se sabe, a demanda ao

⁴⁹ *La Chanson de Roland*, éd. J. BÉDIER, Paris, L'Édition d'Art H. Piazza, 1944, vv. 2135-2139, 2151-2156; Sobre a satanização dos sarracenos nos poemas épicos, cf. M. JONES. "The conventional saracen of the songs of geste", *Speculum*, XVII-2, 1942, pp. 201-225.

⁵⁰ MARCO POLO, *O livro das maravilhas*, trad, Porto Alegre, L&PM Editores, 1985, p. 229.

⁵¹ *Semeiança del mundo*, p. 92.

⁵² M. E. B. RIBEIRO, *Art. cit.*, p. 1018.

⁵³ G. GIUCCI, *Op.cit.*, pp. 70-71; J. LE GOFF, *Art. cit.*, pp. 274-280.

⁵⁴ Segundo parece, deve-se ao dominicano Jordão Catalan de Séverac, em sua *Descriptions des Merveilles*, de 1329, a primeira menção ao reino do Preste João na Etiópia. Daí em diante, os

suposto reino do Preste João teve importante papel nas motivações religiosas por ocasião do processo de expansão marítima no século XV.

Alterações significativas nos esquemas religiosos empregados na representação europeia da África e dos africanos vieram a ocorrer apenas nos séculos finais do medievo. A imagem que se tinha daquele continente e a estrutura do discurso elaborado a respeito de suas populações mudaram sobretudo no século XV, quando se verifica um conflito entre os dados objetivos e o substrato mítico anterior. O certo é que a percepção espacial dos ocidentais tornou-se menos subjetiva na medida em que os contatos com outros povos se alargaram. Embora persistisse a aplicação de traços miríficos aos grupos contatados, a concepção do *finis terrae* se dissolveu pouco a pouco em razão da abertura de novos horizontes aos navegantes e conquistadores⁵⁵.

As aludidas modificações devem muito aos progressos do conhecimento cosmográfico obtidos pelos integrantes da escola dos cartógrafos de Majorca. Já em meados do século XIV, os judeus a serviço dos governantes de Aragão, e depois de outros monarcas europeus, elaboravam cartas geográficas muito mais precisas que os mapas-mundi do tipo T.O.. As cartas maiorquinas não tinham a pretensão de dar conta da totalidade do orbe, nem expor as verdades fundamentais do cristianismo, mas apenas visavam uma finalidade prática: servir de orientação às rotas de comércio. A cartografia maiorquina privilegiava a fixação dos caminhos percorridos por caravanas oriundas da África do Norte – de Fez, Túnis, Tlemcen ou Sidjilmasa - incorporando os conhecimentos divulgados pelos geógrafos árabes. Seus criadores inspiraram as cartas portulano, fundamentais na era das grandes navegações.⁵⁶

Os dados registrados pelos cartógrafos de Majorca permitem notar mudanças progressivas no modo de retratar os africanos. Os desenhos do relevo são acompanhados de ilustrações da fauna, flora, e certas particularidades relativas aos povos e reinos identificados. Os elementos mitológicos não desapareceram por completo, mas os apontamentos ganharam em objetividade. O *Atlas catalão de Carlos V*, elaborado por Abraão Cresques em 1375, talvez a representação cartográfica medieval tecnicamente

etíopes passaram a ser apresentados como povo que falava muitas línguas, trazendo na frente o sinal da cruz. Cf. J. DORESSE, *L'empire du Prêtre Jean*, Paris, Plon, 1957, vol. II, pp. 321-328.

⁵⁵ P. ZUMTHOR, *Op. cit.*, p. 33. No mesmo sentido, H. MARTIN, *Mentalités médiévales: XI-XV siècles* (Nouvelle Clio), Paris, PUF, 1996, p. 137.

⁵⁶ J. R. PASTOR & E. G. CAMARERO, *La cartografía mallorquina*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960, pp. 19-42.

mais perfeita, apresenta descrição pormenorizada dos territórios da África Ocidental, inclusive do reino do Mali, no Sudão, local onde estariam situadas minas de ouro e abundantes quantidades de sal. Seu governante, Musa Melly, aparece sentado ao trono, vestindo traje muçulmano, segurando o cetro e uma enorme pepita de ouro, signo da opulência de seu povo. Trata-se de um dos primeiros testemunhos europeus nos quais se reconhece a existência de populações negras socialmente organizadas⁵⁷.

MOUROS, “ETÍOPES”, E A RECONQUISTA CRISTÃ

Como se pode ver, embora os autores aqui evidenciados tenham pretendido realizar trabalho de descrição geográfica, atuaram também como observadores de costumes. Era-lhes difícil minimizar a curiosidade diante do diferente, do estranho, do “outro”. Por isso, propuseram explicações bastante interessantes quando se tem em mente entender como os ocidentais lidaram com o problema da alteridade. Isto é particularmente sentido quanto aos traços das populações africanas, mormente dos habitantes da Mauritânia. Em *Semeiança del mundo*, consta que: “*En esta tierra es la tierra de los negros. Esta es gran tierra e muy grand terreno*”⁵⁸.

A brevidade guarda um aparente contra-senso. Se a terra era grande, porque não aparece melhor qualificada? Considerando que a obra pretendia ser cópia fiel da descrição do mundo feita por Isidoro de Sevilha, aqui nem os dados consagrados pelo enciclopedista são levados em conta. Conforme Isidoro, a palavra Mauritânia derivaria da cor de seus habitantes, que são negros, uma vez que os gregos chamam a cor negra de *mauron*. Assim como a Gália recebe esse nome por causa da brancura de seu povo, a Mauritânia seria assim designada em razão da tez escura dos que lá moravam. Explicação “natural” muito semelhante também é invocada com respeito à designação da Etiópia. O nome se devia à cor preta dos que a povoavam, decorrente dos efeitos do sol. O referencial linguístico, não obstante, pouco contribuía para a aceitação da diferença, uma vez que, segundo Isidoro, a Etiópia era povoada por raças diversas, de horrível aspecto⁵⁹.

⁵⁷ Y. K. FALL, *L'Afrique à la naissance de la cartographie moderne: las cartes majorquines - XIV-XV siècles*, Paris, Karthala/Centre de Recherches Africaines, 1982, esp. p. 78, 183-185.

⁵⁸ *Semeiança del mundo*, p. 92.

⁵⁹ ISIDORO DE SEVILLA, *Etimologías*, pp. 346-349.

O copista castelhano do século XIII manteve *ipsis litteris* os registros “etnográficos” do antigo enciclopedista visigodo concernentes aos africanos. Tal inércia surpreende quando se sabe que outras passagens das *Etimologias*, como aquela relativa aos antípodas, foram expurgadas ou modificadas. No tocante aos africanos, o redator de *Semeiança del mundo* manteve-se absolutamente fiel ao texto do século VII, escapando-lhe a percepção das mudanças provocadas pela islamização na zona Saheliana, Magreb e Egito. A persistência dos esquemas herdados da geografia greco-romana acarretou inclusive o mais completo esquecimento dos muçulmanos, lapso digno de nota num texto colocado por escrito no período crucial da Reconquista ibérica.

Em *Semeiança del mundo*, os árabes comparecem na parte relativa aos povos do Oriente Médio, sendo apresentados como pagãos, ou assimilados aos moabitas e amonitas de que fala o Antigo Testamento. A falta de qualquer alusão mais pormenorizada, qualquer acréscimo, qualquer atribuição de sentido cultural à mudança histórica realizada após a introdução do islamismo parece-nos comprovar a assombrosa inércia do conhecimento difundido pelos letrados ocidentais no que respeitava à evolução dos povos exteriores à Cristandade. As poucas indicações, via de regra, tinham a finalidade de encontrar conexões daqueles povos com as sagradas escrituras. O nome da terra nabatéia, por exemplo, é apresentado como derivado de Nabeth, filho de Ismael. Nesta estariam os sarracenos, cujo nome proviria de Sara, a primeira mulher de Abraão, e os agarenos, descendentes de Agar, a escrava de Abraão e mãe de Ismael – antepassado dos árabes⁶⁰.

Situação distinta ocorre nos textos alfonsinos, onde se pode perceber certa consciência das transformações operadas dos dois lados do Atlântico. Já na *Primera crónica general de España*, Alfonso relata o aparecimento em África dos seguidores da “seita” de Maomé, o “falso profeta”, e da inserção das populações africanas na referida crença - causa de seus “pecados”. Na sequência da narração, outros informes corroboram a percepção de que o islamismo teria aparecido na Arábia, sendo estendido a outras partes do mundo, e que, na África, as populações dividiram-se entre a fé islâmica, judaica, e a heresia ariana⁶¹.

Muito diferente também é o uso que se faz do termo “mouro”. Nesse caso, mais do que as populações da Mauritânia, a palavra designava os islâmicos situados nos dois lados

⁶⁰ *Semeiança del mundo*, p. 66.

do Mediterrâneo. Seu emprego tinha implicações étnicas e raciais, sugerindo a idéia de que fossem negros, e a aplicação era acompanhada das conotações negativas antes apontadas. Embora na *Primera crónica general de España* os termos agareno, sarraceno ou *alaraue* sejam evocados para referir-se ao islâmico, é o vocábulo “mouro” que melhor expressa a alteridade em face do cristianismo. Com efeito, o mouro é antes de tudo o infiel, o pérfido, o traidor, o bárbaro, quer dizer, uma categoria humana radicalmente desvalorizada, situada entre os inimigos da Cristandade⁶².

Alfonso, o Sábio, percebia a dimensão espacial e cultural do continente africano ao distinguir a terra dos mouros da terra dos etíopes, classificando os primeiros na categoria de “infiéis”, e os últimos, na categoria de “gentios”. Ao longo da Idade Média, a idolatria e o paganismo eram associados com a maldição que recaiu sobre a posteridade de Cam, mas, em seu conjunto, as imagens atribuídas aos seus praticantes costumavam ser mais positivas quando comparadas com aquelas reservadas aos “infiéis”. Na perspectiva do proselitismo cristão, idólatras e gentios tinham maior possibilidade de serem arrebanhados pela via da evangelização e do batismo. Quando comparados aos mouros e judeus, os pagãos estariam mais propensos a adotar o credo cristão, motivo pelo qual nem sempre eram retratados de maneira negativa⁶³.

Esta dualidade pode ser observada com certa frequência nos textos alfonsinos. Em primeiro lugar, vale ressaltar o fato de que, no trecho da *Primera crónica general de España* citado no início do presente estudo, Alfonso, o Sábio, tenha optado pela caracterização dos povos do continente africano a partir do esquema explicativo fundado na posteridade de Noé, e não na alusão ao descendente de Abraão, Afer. François de Medeiros apresentou argumentos convincentes segundo os quais a filiação dos africanos à descendência abrahâmica, progressivamente abandonada, tinha implícita a idéia de que estes pudessem afinal pertencer aos “povos da promessa” e estar predestinados à salvação, enquanto a opção por sua filiação aos descendentes de Noé, anteriores à

⁶¹ *Primera Crónica General de España*, p. 254, 261.

⁶² Ao examinar as imagens construídas a respeito dos muçulmanos e dos cristãos na cronística dos reinos hispanos e de Al-Andalus, R. BARKAI, *Moros y cristianos en la Peninsula Iberica medieval: el enemigo en el espejo*, Madrid, RIAP, 1984, constata matizes e variantes importantes. No que tange aos mouros, havia a distinção entre aqueles ambientados em território peninsular, e os berberes, provenientes do norte da África.

⁶³ Seguimos aqui as interessantes considerações de J. S. HORTA, “A imagem do africano pelos portugueses antes dos contactos”, em A. L. FERRONHA (dir.), *O confronto do olhar: o encontro dos povos na época das navegações portuguesas*, Lisboa, Ed. Caminho, 1991, esp. pp. 55-58.

“promessa”, acabava por distanciá-los do ideário judaico-cristão⁶⁴. Além do mais, a inserção dos africanos na linhagem maldita de Cam os colocava em posição inferior quando comparados aos descendentes de Sem e Jafet.

Nos capítulos iniciais da *General estoria*, Alfonso descreveu em minúcias o povoamento do mundo logo após o Dilúvio tendo em referência os escritos de Moisés constantes no *Gênesis*, as informações de Flávio Josefo e as obras dos “santos padres”. O conteúdo da exposição sugere sua preocupação em justificar porque Cam, o segundo filho, teria sido colocado abaixo de Jafet - o irmão mais novo, a quem coube povoar a Europa. Valendo-se das fontes disponíveis, propunha a explicação que isso teria ocorrido em razão da maldição de Noé, ou porque, embora mais velho, Cam fosse de estatura menor que o caçula, ou então porque, embora mais velho, fosse “*de menor entedemeto que os outros et por esta rrazõ menos mereçedor*”. Quanto aos descendentes de Cam, fala de Cusch, que povoou a Etiópia, de Mezrraym, que povoou o Egito, de Hut, que povoou a Mauritânia, de Put, que povoou a Líbia, e de Canaã, que povoou a Cananeia ou Judéia⁶⁵.

Em suma, na perspectiva histórico-geográfica adotada na cronística alfonsina, a África e os africanos tendem a ser vistos de três formas. Em primeiro lugar, nota-se a preocupação em fixar as origens daquele continente nos temas mitológicos da tradição judaica, mas também da Antiguidade grega, aproximando-o ao paganismo clássico nas longas passagens relativas à conquista da Líbia por Hércules. Em segundo lugar, suas populações não islamizadas são classificadas pagãs, enquadradas no termo genérico de “gentios”. Em terceiro lugar, que mais nos interessa sublinhar, há o esforço declarado em distinguir a geração dos gentios, quer dizer, os “etíopes”, da geração dos mouros, sendo os primeiros vistos como parentes distantes dos cristãos, e os últimos, como descendentes exclusivos da linhagem de Cam. Tal equação é claramente sintetizada na passagem a seguir:

Et que quiser saber donde veeo esta malquerença tã grãde et tã longa ontre os christiaos et os mouros, daqui cate arrazõ, que os gentiys et os christiaos que oje son véem prinçipalmete de Sem e de Jafet, que poblará a Asya et a Europa. E esto asy he como quer que alguus dos de Cã se ajam tornados christiaos por predicacõ ou por premya de prigom ou de seruydue. Et os mouros vee prinçipalmete de Cam, que poblou a Africa, ajnda que aja y alguus dos de Sem et de Jafet que por lo falso predicameto de Mafoma se tornarõ mouros.

⁶⁴ F. de MEDEIROS, Op. cit., p. 124.

⁶⁵ ALFONSO EL SABIO, *General estoria*, pp. 68-69.

Et nos teemos, que segudo este dereyto et priuylegio que Noe noso padre nos leyxou aos de Sem et de Jafet donde nos vijmos que toda cousa de terra et de al que nos dos de Cam de Africa, et donde quer queos mouros sejam em quaes quer outras terras; et poys que mouros som, todos som de Cam, et se podermos de alguus deles alguma cousa levar por batalla ou por (qual) quer força et ajnda prenderlos et fazerlos nosos seruos que nõ fazemos em elle pecado, ne torto, ne erro negu. Et quanto nos leyxamos deos nõ cõbater et rroubar et prender et fazer sobre elles esto, ou he por nossa mesura, ou por nõ téérmos guysado, por que som elles moytos⁶⁶.

A longa passagem revela-nos concepção muito particular do povoamento do mundo, fundada na experiência histórica da Reconquista. Nota-se aqui o deslocamento da noção tripartida do mundo, típica dos escritores medievais, para uma oposição de natureza religiosa entre cristãos e seguidores de Maomé. A referência aos descendentes de Noé encontra-se fortemente articulada com a idéia de legitimidade da conquista das terras dos “infiéis”, situadas seja na África, seja na própria península Ibérica. Ao repertório dos motivos apontados pelos polemistas cristãos contra os muçulmanos, foi acrescentando um novo elemento fundamental, o de que os “mouros”, descendentes de Cam, estariam predispostos ao jugo dos descendentes de Sem e Jafet, dado que o redator soube extrair todas as possibilidades e conferir a legitimidade do texto bíblico.

Com efeito, o enfoque alfonsino da questão africana revela bem a complexidade do problema étnico-religioso existente em Castela e nos demais reinos ibéricos no que dizia respeito às relações entre mouros e cristãos. Se, de um lado, os monarcas permitiram a convivência de seus súditos com populações islâmicas subjugadas – designadas de mudejares – estas continuaram a ser grupos “estranhos” no interior da Cristandade. O signo infamante de Cam é aplicado aos mouros, mas também àqueles que, por diferentes razões, se tornaram mouros, isto é, àqueles que adotaram o islamismo. De uma só vez, o julgamento recaía sobre os afro-muçulmanos (mouros) e sobre os hispano-muçulmanos aculturados (*muladies*), simpatizantes ou aliados daqueles. Assiste-se deste modo à

⁶⁶ IDEM, p. 73: “Quem quiser saber a origem da grande e antiga inimizade entre cristãos e mouros, tire daqui a razão. Os gentios e os cristãos de hoje descendem principalmente de Sem e Jafet, que povoaram a Ásia e Europa. Isto é assim porque alguns dos de Cam se tornaram cristãos em virtude da pregação ou por constrangimento de prisão ou servidão. E os mouros descendem principalmente de Cam, que povoou a África, embora haja alguns dos de Sem e de Jafet que pela falsa pregação de Maomé se tornaram mouros. / Entendemos, segundo este direito e privilégio, que Noé nosso pai nos deixou aos de Sem e de Jafet – de onde viemos -, toda a terra e bens dos do Cam, de África, e onde quer que os mouros estejam – pois sendo mouros, são de Cam – se pudermos levar algo deles por batalha ou por qualquer força, prendê-los ou fazê-los nossos servos, não estaremos incorrendo em pecado, nem em injustiça, nem cometendo erro algum. E se os deixamos de combater, pilhar, prender ou fazer tais coisas, isto se deve ao nosso comedimento, ou porque não temos condições, porque são muitos”.

consolidação de uma tendência condenatória aos contatos reais mantidos entre integrantes das duas religiões - inclusive lideranças peninsulares -, que as crônicas castelhanas anteriores ao século XIII preferiam manter em silêncio, obscurecer ou minimizar⁶⁷.

A referência a possíveis descendentes de Cam tornados cristãos, por outro lado, remetia para a alternativa da submissão ou conversão do "gentio" que povoava as terras abaixo do Mediterrâneo. Data justamente da segunda metade do século XIII, período de esfacelamento do Ocidente muçulmano, o acirramento de contatos comerciais e da atividade missionária levada a cabo por dominicanos e franciscanos na África do Norte⁶⁸. Em torno de 1270, frades mendicantes, apoiados pelos governantes de Castela e Aragão realizavam trabalho missionário em Fez e Marrakech. Pregadores como Raimundo Marti, Raimundo de Peñafort, Arnaldo de Forn, Bernardo de Sala e, sobretudo, Raimundo Lúlio, atuaram com denodo para converter os mouros em sua própria terra de origem e evangelizar os pagãos africanos⁶⁹.

Pode-se considerar que os primeiros contatos diretos de europeus com populações negras não islamizadas ocorreu na segunda metade do século XIII, sendo retratados em 1283 no *Libro de Evast y Blanquerna*, de Raimundo Lúlio. Neste tratado, o pensador e missionário narra as circunstâncias em que se deu o encontro de um emissário cristão com as terras povoadas por negros, enumerando suas práticas de adoração dos ídolos, do sol e das estrelas, dos pássaros e dos animais⁷⁰. Por volta de 1350, novas indicações foram fornecidas pelo franciscano anônimo que escreveu o *Libro del conocimiento de todos los regnos y tierras y señorios que son por el mundo*, testemunho pouco útil aos interessados em compreender as realidades concretas da África, mas bastante revelador

⁶⁷ Sobre o gradual mudança operada na consciência dos cronistas castelhanos em relação aos islâmicos, J. RICHARD, "L'Islam et les musulmans chez les chroniqueurs castillans du milieu du Moyen Age", *Hesperis Tamuda* (Madrid), nº 12, 1971, pp. 123-126.

⁶⁸ Para C.-E. DUFOURQ, "La mediterrannée et le christianisme: cadre geopolitique et économique de l'apostolat missionnaire de Ramon Lull", *Estudios Lulianos* (Palma de Mallorca), vol. XXV nº 1, 1980, p. 16, no final do século XIII as realidades econômicas cotidianas, a atividade comercial entre países cristãos e muçulmanos assinalavam o renascimento de uma unidade euro-africana sob a direção dos cristãos, uma vez que seus navegadores e comerciantes eram os principais promotores das atividades de troca. A penetração de mercadores nas rotas de caravana do Saara é descrita em pormenores por C. de LA RONCIÈRE, *Op. cit.*, Tome V, esp. 66-92.

⁶⁹ R. L. DIAZ, "La iglesia en Marruecos del siglo XIII al XIX", em V.V.A.A., *El cristianismo en el Norte de África*, Madrid, Editorial MAPFRE, 1993, pp. 79-80.

⁷⁰ RAMON LLULL, *Libro de Evast y Blanquerna*, em IDEM, *Obras literarias*, ed. M. BATLLORI y M. CALDENTY, Madrid, BAC, 1948, pp. 403-407.

das imagens convencionais dos cristãos: ali encontram-se apontamentos sobre o culto de ídolos, assim como o relato de suas viagens às terras de Abdeselib, governante dos domínios do Preste João na Núbia e Etiópia⁷¹.

Eis, pois, algumas reflexões concernentes ao problema das representações européias a respeito dos africanos durante a Idade Média. Os esquemas aqui examinados não eram gratuitos, nem se limitaram ao plano da abstração. Seus traços perduraram e tiveram peso inequívoco na legitimação da conquista daquele continente. Na realidade, tais clichês e estereótipos definiram o enquadramento dos negros no mundo ocidental e modelaram a atitude dos europeus com respeito àqueles povos no período subsequente, da expansão ultramarina. Com certeza, os representantes das monarquias, marinheiros e aventureiros, e os missionários cristãos, carregavam consigo parte dessas imagens, juízos e preconceitos. Embora não devam ser considerados aspectos determinantes no processo de conquista, certamente desempenharam o seu papel nas concepções etnocêntricas, amplamente utilizadas em defesa da dominação dos povos extra-europeus.

⁷¹ G. H. T. KIMBLE, *Op. cit.*, pp. 134-138, 147.